

abandonar, antes mais marcadamente a caracterizariam, tais a simultaneamente compassiva, impaciente e revoltada contemplação do sofrimento (no que tem sido visto um parentesco com a corrente neo-realista) alheio, e próprio por reflexo daquele, e uma constante aposição lírica dos elementos naturais (terra, árvores, vento, céu, sol, lua) a essa posição individual e social. *Poesia—II* (Coimbra, 1950) e *Eléctrico* (Lisboa, 1956) foram as obras poéticas seguintes; a segunda seria integrada em *Poesia—III* (Lisboa, 1961), volume coroado com o Grande Prémio de Poesia de 1962 da Sociedade Portuguesa de Escritores. Escreveu também obras em outros domínios, designadamente no das memórias e da crónica (*O Mundo dos Outros*, Lisboa, 1950 —, produto, em parte, da colaboração em jornais e revistas a que se dedicou, após a sua licenciatura em Direito em 1924 e uma curta permanência — de 1925 a 1929 — na carreira consular); no da novela (*O Mundo Desabitado*, Lisboa, 1960); no do romance (*Aventuras Maravilhosas de João Sem Medo*, Lisboa, 1963); no do ensaio autobiográfico (*A Memória das Palavras*, Lisboa, 1965 — Prémio da Casa da Imprensa); no dos estudos literários, v. g. sobre Gomes Leal, 1948; Guilherme Braga, 1949; Almeida Garrett, 1955; José Fernandes Fafe, 1963; na organização, com Carlos de Oliveira, da antologia *Contos Tradicionais Portugueses*, 1958.

J. P. e C.

Bibl.: Alexandre Pinheiro Torres, «A poesia de J. G. F.», in *Poesia-I*, 2.ª ed., Lisboa, 1962; reprod. in *Programa para o Concreto*, Lisboa, 1966.

**Ferreira, José Maria de Andrade.** V. **Crítica Literária.** EM PORTUGAL.

**Ferreira, Reinaldo** EDGAR (Barcelona, 1922 — Loureico Marques, 1959). Filho do jornalista Reinaldo Ferreira (que nos anos 20 se notabilizou sob o pseudónimo de Reporter X), teve uma existência breve, errante e pouco afortunada. Só com a publicação póstuma dos seus *Poemas* (1960) se revelou a sua poesia a um círculo mais vasto e se tornou conhecida na Metrópole, onde logo obteve, entre outros, os aplausos de um J. Régio e de um V. Nemesio. Aliás, logo na introd. a esse volume, escrita pelo crítico, residente em

Moçambique, Eugénio Lisboa, justicieramente se sublinhava a real importância das produções que ele continha. Tão apta para a expressão elíptica dos sentimentos e das sensações como para os largos voos de uma fantasia libérrima, a poesia de R. F., geralmente comandada pela inteligência ou intimamente corroída pelo humor, se por um lado se declara devedora da herança simbolista, e mesmo decadentista («Nasci poeta abstruso. / Amo as palavras que estão / Entre o arcaico e o difuso / No cerne da indecisão»), aponta, por outro, à mais inquieta modernidade, através do reiterado emprego da ironia, da tentação do absurdo e das soluções niilistas (*Um Voo Cego a Nada* seria precisamente o título de um livro que não chegou a publicar) e da tendência para a construção oblíqua. Todavia, não menos legítimo será também falar do seu humanismo, manifestado, nomeadamente, numa crítica muito lúcida de certos mitos de alienação (tal é o caso, por exemplo, do curto poema «Receita para Fazer um Herói».

D. M. F.

Bibl.: José Régio, «Sobre os *Poemas* de R. F.», pref. da 2.ª ed. de *Poemas*, Lisboa, 1966.

**Ferreira, Silvestre Pinheiro** (Lisboa, 1769-1846). Um dos vultos mais representativos da cultura portuguesa na transição do século XVIII para o século XIX. Infelizmente nem a sua obra foi ainda compilada nem a sua biografia convenientemente estudada. De grande importância é a acção e influência por ele exercidas quer em Portugal quer no Brasil, onde esteve como Ministro de D. João VI e expôs, pela primeira vez, os fundamentos filosóficos de nova concepção do mundo em desacordo com as tradições ainda vigentes e já claramente indicativa do novo surto empiricista, sem contudo desprezar o culto dos grandes filósofos da Antiguidade. É numerosa a sua bibliografia de jurista e de filósofo, de que citamos apenas: *Preleções filosóficas sobre a Teórica do Discurso e da Linguagem, a Estética, a Diceósina e a Cosmologia*, Rio, 1813; *Noções elementares de filosofia geral e aplicada às ciências morais e políticas*, 1839; *Questões de Direito Público e Administrativo, Filosofia e Literatura*, 1844-45. Completou a sua preparação escolar na Congregação do Ora-

tório, onde concluiu o curso de Humanidades. Abandonada a Congregação por discordância com as doutrinas dos Superiores, foi Professor na Univ. de Coimbra. Embarcou clandestinamente para o estrangeiro, para fugir à prisão por motivos políticos. Esteve em Inglaterra, Holanda, França e ainda na Alemanha, onde tomou contacto com as modernas correntes da filosofia alemã, tendo ouvido lições de Fichte e Schelling em Berlim. Eleito deputado quando se encontrava em Paris em 1826, e depois em 1838, só pela terceira vez (1842) aceitou o encargo, voltando então à Pátria. Na Câmara dos Deputados foi colega de Almeida Garrett, que, em alguns discursos, a ele se refere nos mais encomiásticos termos. V. *Filosofia. Em Portugal, Séculos XIX-XX*.

D. S.

Bibl.: João José Louzada Magalhães, *S. P. F. Sein Leben und seine Philosophie*, Bonn, 1881; Delfim Santos, «S. P. F.», in *Perspectiva da Lit. Port. do Séc. XIX*, vol. I, 1947, pp. 15-30; Maria Luísa C. R. de Sousa Coelho, *A filosofia de S. P. F.*, Braga, 1958.

**Ferreira, Celso Emílio.** V. **Contemporâneos.** NA GALIZA. *A Poesia*.

**Ferro, António.** V. **Contemporâneos e Jornalismo.** EM PORTUGAL.

**Fialho, V. Almeida, José** VALENTIM Fialho de.

**Ficalho, Francisco Manuel** DE MELO BREYNER, **Conde** DE (1837-1903). É um dos «Vencidos da Vida» (v.). Catedrático de Botânica, nesta encontrou o ponto de vista para alguns estudos relacionados com a história portuguesa: *Flora dos Lusíadas* (1880), *Plantas úteis da África portuguesa* (1884), *Garcia de Orta e o seu tempo* (1886), que é livro introdutório à sua edição dos *Colóquios* de Garcia de Orta (v.) (2 vols., 1891 e 1895), e, p. ex., a memória sobre a malagueta, no âmbito da «influência dos descobrimentos portugueses sobre o conhecimento das plantas». *As viagens de Pêro da Covilhã* (1898) — onde se expande uma dilacção de aristocrata pela empresa heróica —, sendo porventura a obra mais interessante e viva que nos legou, terá sugerido, entre outras coisas, a publicação sistemática da riquíssima literatura itinerante portuguesa dos séculos XV, XVI e XVII,